

CRASE

#6

Janeiro - 2011

A Nossa Menina de Ouro

*A voz imponente da
vida de Emília*

A Blogosfera Literária

*A nova geração literária e
a internet.*

Iconofilia e Iconoclastia

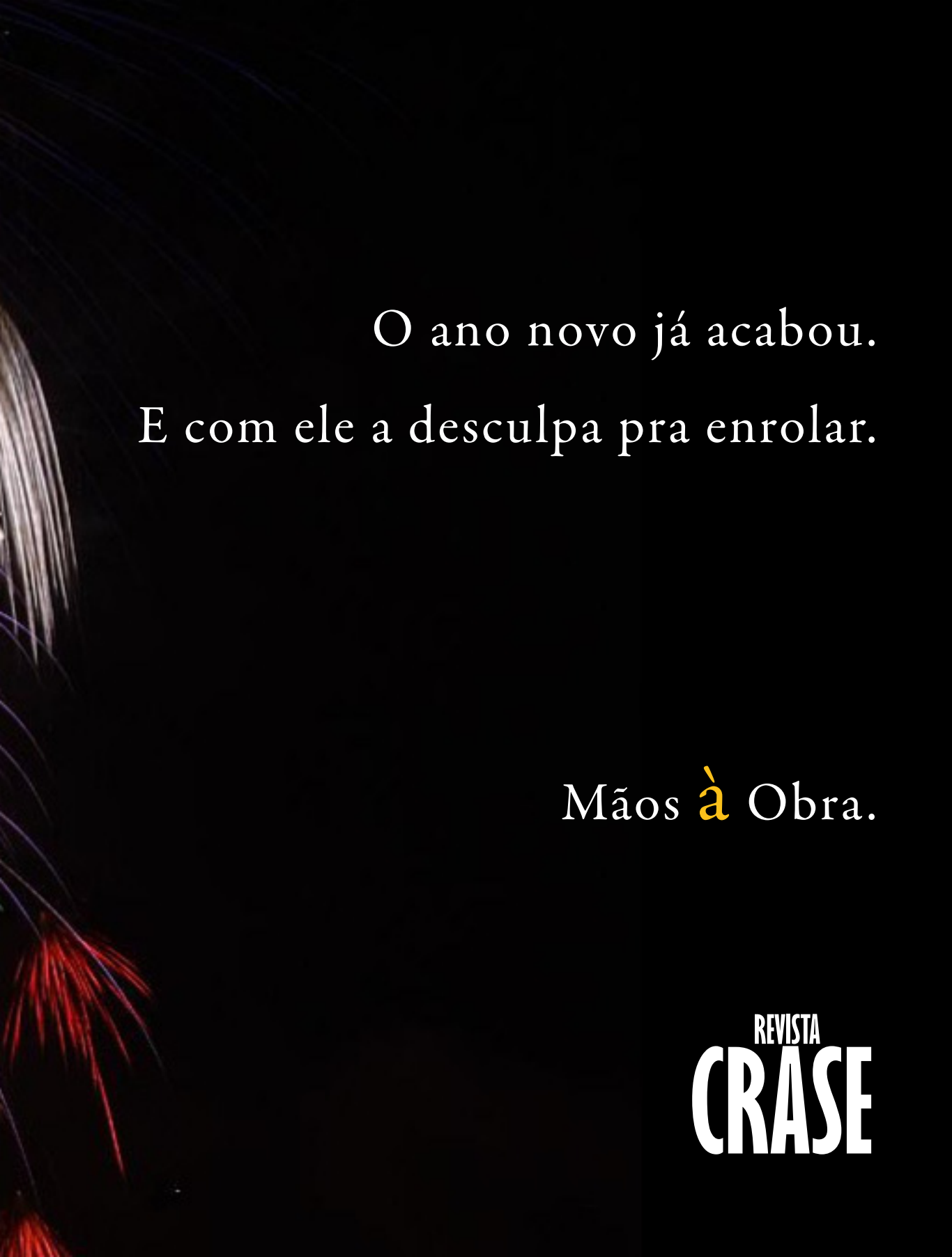
*A construção e quebra
de imagens.*

Darren Aronofsky

*Paixão e amizade, união
de sucesso.*







O ano novo já acabou.
E com ele a desculpa pra enrolar.

Mãos à Obra.

REVISTA
CRASE

índice

p. 08 **Editorial**

p. 10 **A Blogosfera Literária**
A nova geração literária e a internet.

p. 16 **Pedro Lourenço**
Como o pequeno prodígio surpreendeu e vem surpreendendo a todos.

p. 22 **A Nossa Menina de Ouro**
A voz imponente da vida de Emíliah.

p. 36 **Darren Aronofsky**
Paixão e amizade, união de sucesso.

p. 42 **Iconofilia e Iconoclastia**
Como o ser humano tem a necessidade de eleger “líderes”.

p. 47 **A Renovação do Rio**
O renascimento carioca.

p. 52 **CRASE** Bruna Fonte
CONVIDA

A escritora e jornalista Bruna Fonte fala sobre o efeito da popularização da internet sobre a criação de novos ídolos.

p. 58 **AGENDA CULTURAL**

REVISTA CRASE

DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza e Rafael Farah

Diretor de Criação: Dans Souza

Diretor de Redação: Rafael Farah

REVISTA CRASE

Redatores: Cadu Senra, Clarissa Affonseca,

Emílio Farah, Nicolas Dani, Vinícius Baião

Colunista: Cadu Senra, Leandro

Bertholini, Rafael Farah

Revisor: Ramon Lourenço

Produtor: Yves Araujo

ARTE

Diretor de Arte: Dans Souza

Assistente: Clarissa Affonseca

Diagramação: Dans Souza

FOTOGRAFIA

Editor-Responsável: Diego Val

INTERNET

Desenvolvedor: Dans Souza, Makerz



Editorial

É de conhecimento comum o fato de que a vida é composta de ciclos. Na moda, na política, na música... Em determinado momento, uma “era” precisa ser ultrapassada para uma reformulação de conceitos entrar em prática. Essa reformulação, em uma semântica diferente, a CRASE esse mês chama de renascimento – dada a óbvia relação com o Renascimento europeu. Apesar de estarem em contextos diferentes, este período da história européia destaca-se pela redescoberta de referências culturais; ciclos, como mencionado anteriormente.

Do cineasta Darren Aronofsky à Emilianh, passando pela genial, porém controversa carreira do estilista Pedro Lourenço. Dos blogs à iconofilia contemporânea, nesta edição a CRASE chama atenção para novos indivíduos e conceitos que por estarem se firmando

agora ou terem aparecido recentemente, marcam o final de uma temporada, e o início de uma nova.

A cantora Emíliah aparece como destaque, mostrando com carisma e timidez, a nova geração de músicos que vem inundando a indústria brasileira com talento e criatividade. O samba, o pagode de raiz - de qualidade - há muito esquecidos aparecem em peso na voz cheia de propriedade da sambista. Estreando em sua primeira produção completa, a CRASE apresenta Emíliah como promessa da música brasileira, apostando no talento da menina de ouro.

Rafael Farah



A Blogosfera Literária

O profissionalismo amador e criativo da literatura online.

por Vinícius Baião

Falar do cenário literário contemporâneo é falar – necessariamente – de virtualidades. Não parece ser possível desvencilhar a novíssima geração de escritores brasileiros do mundo tecnológico e suas redes de comunicação. O uso da internet como ferramenta de trabalho para

criação e escoamento literário é elemento comum entre os nomes revelados na última década. Mas até onde vai essa uniformidade? É viável pensarmos a internet como elemento vital de nossa nova literatura?

Já foi defendido que o “Bloguismo” pode-

ria se tornar o próximo grande movimento de nossas letras, uma vez que esta plataforma está presente no cotidiano de inúmeros escritores, fazendo parte, portanto, de seus “DNA’s literários”. É através do blog que muitos divulgam seus escritos, estabelecem contatos e tomam conhecimento de novos pares. Temos, então, um movimento? Segundo o escritor Ramon Mello, pesquisador das relações entre internet e literatura, a resposta é não: “Não é possível pensar num movimento porque os escritores não estão unidos em prol de uma causa ou objetivo. Não há ideologias”. Ramon afirma que o blog é apenas uma

“plataforma de publicação”, pois “não existem características comuns na escrita de escritores que utilizam blogs”.



Se o blog é visto apenas como um suporte de publicação, teria ele condições de influenciar o estilo do autor? O escritor Mauro Siqueira, um dos editores do Blog O Bule, acredita que sim, já que cada formato de publicação é dotado de características próprias. Siqueira

vê a internet como espaço de experimentação, sem a necessidade de se produzir obras fechadas. “No meu caso e do meu blog disponibilizo todo o conteúdo que me interessa, sem pensar muito se um conto recém-escrito está de fato pronto ou não - o que eu quero é que leiam. Mesmo que eu mude depois, o que raramente não acontece.” Assim, é possível que um mesmo autor apresente estilos diferentes quando em formatos diferentes. O escritor que lemos através da internet nem sempre escreve da mesma maneira quando publicado em livro. E as diferenças de estilo podem ocorrer dentro da própria virtualidade, de acordo



com a ferramenta utilizada: blog, twitter, redes sociais, entre outros.

Há um tempo não muito distante, percebia-se certa resistência de escritores mais velhos com os novos formatos e seus adeptos. Porém, a opinião recorrente nos dias de hoje é que mesmo os escritores de outras gerações já aceitam com maior facilidade a literatura produzida na rede. Mauro Siqueira brinca com

essa situação dizendo que “a old school acreditava que a literatura no mundo virtual era para quem escrevia mal, mas hoje se sabe que se escreve mal tanto no digital quanto no impresso”. Brincadeiras à parte, Ramon Mello lembra que a própria Academia Brasileira de Letras realiza um festival de microcontos no Twitter, acreditando na importância da internet para o contato com os leitores.

Diante deste quadro, é possível perceber que para os novos

nomes da literatura nacional não faz sentido desprezar a rede em seus trabalhos, seja na criação ou na divulgação. As editoras também estão atentas a este fenômeno e algumas já chegam a prever nos contratos a relação “digital / impresso”. Fica claro que a nova geração tem domínio não apenas do fazer literário, mas também dos novos aspectos editoriais possíveis na contemporaneidade. O tempo é que vai estabelecer modos diferentes de se relacionar com todas essas possibilidades.





Vinis Mofados (2009)

Autor: Ramon Mello

Editora: Língua Geral

Com versos preponderantemente curtos, que “fotografam” cenas do cotidiano afetivo, *Vinis mofados* trabalha o humor e a ironia como vias de acesso à profundidade dos sentimentos. Ramon Mello explora o verso simples, mas não fácil. E a simplicidade reúne-se muito bem ao flerte com a música popular brasileira e ao registro do cotidiano afetivo e urbano de seu livro de estréia.



De Vermes e Outros Animais

Rastejantes (2008)

Autor: Mauro Siqueira

Editora: Multifoco

O livro é uma festa de referências cinéfilas, musicais, retrôs, literárias... E o que começa com um certo pudor, como textos mais puxados para uma espécie de ‘Cães de aluguel’, vai se tornando meio ‘Almodóvar’, em certos momentos fica cerebral feito ‘Woody Allen’, chega a citar ‘The Cure’, e fecha com um nonsense meio Kill Bill.





Pedro Lourenço

O mais novo queridinho do Brasil.

por Clarissa Affonseca

Ter ambos os pais estilistas renomados internacionalmente é um sonho para muitas meninas que desejam fama, dinheiro e a oportunidade de ter o closet maior que o de Carrie Bradshaw, mas quem tirou a sorte grande foi Pedro Lourenço. Com apenas 20 anos de idade, esse jovem já carrega o nome e o

talento necessários para se tornar um dos queridinhos da moda mundial.

Filho de Glória Coelho e Reinaldo Lourenço, Pedro nasceu em uma família onde a arte sempre foi a fonte de renda e de realização profissional. Ver esse amor e dedicação que os pais tinham pelo trabalho

que realizavam e ter essa relação tão intensa com o mundo da moda o fez ter dois caminhos a seguir: amar a moda ou rebelar-se. A primeira opção pareceu mais coerente e foi escolhida bem cedo, aos doze anos de idade, quando lançou sua primeira coleção pra a grife de sua mãe. Alguns anos depois, Pedro criou uma marca, que leva seu próprio nome, mostrando que sua relação com o mundo da moda seria maior do que o reconhecimento por seus laços consanguíneos.

Com uma vida movimentada para um garoto de dezesseis anos e com o prestígio que seu trabalho já tinha, sua for-

mação educacional poderia ter sido, para ele e para muitos brasileiros, mera formalidade, afinal, sucesso e dinheiro já faziam parte de sua vida.

“...Pedro é o nome da nova geração de estilistas...”

Mas, ao contrário do que muitos críticos de moda esperavam do pequeno prodígio, Pedro Lourenço surpreendeu a todos quando abandonou seu trabalho de criação para se dedicar aos estudos. No final das contas, conviver com dois estilistas foi essencial para ele perceber que notorie-



Desfile durante a
semana de moda de
Paris.

dade só é conquistada através de conhecimento aplicado ao trabalho.

No ano de 2010, no auge dos seus vinte anos, Pedro Lourenço surgiu novamente, dessa vez nas passarelas na semana de moda de Paris, reunindo nomes importantes da moda que quiseram ver o que o jovem talento tinha para mostrar. Esse interesse todo só reafirma o

que todos já sabem: Pedro é o nome da nova geração de estilistas brasileiros.

Se para o mundo ele é promessa, para nós compatriotas ele é um exemplo de um jovem que - não se pode negar - teve ajuda da sua família para se tornar o homem e o estilista que é hoje, mas não se utilizou dela para ter uma vida sem rumo e repleta de mordomias

como a maioria dos jovens que tem uma realidade parecida com a dele faria. Além disso e, mais importante ainda, foi a capacidade que esse menino tão jovem e já famoso teve de ser humilde a ponto de perceber que seu reconhecimento inicialmente estava atrelado aos seus pais e que só seria totalmente desvinculado deles

se ele fosse capaz de continuar fazendo um trabalho de excelência. E é exatamente isso que ele vem fazendo através de estudos não necessariamente ligados à moda, mas a assuntos que expandirão sua visão de mundo e consequentemente serão refletidos em seus trabalhos.





CRASE



A Nossa Menina de Ouro

Uma pequena viagem pela vida da brasileiríssima Emíliah, promessa do samba carioca.

por Cadu Senra

O sonho era dourado, mas com o tempo virou verde e amarelo. A história de vida de Emilia Lins - a Emíliah - é daquelas que facilmente dariam um livro e não demorariam muito para ter seus direitos comprados por um grande estúdio de Hollywood. Como uma das mais novas representantes da música brasileira, Emíliah vem conquistando seu espaço pelos bares do Rio de Janeiro com sua voz marcante

e sua forte presença de palco. Sua naturalidade ao cantar é típica das pessoas que nasceram para fazer algo especial.

Apesar de ter nascido na França, o que fica um pouco aparente em seu modo de falar, sua alma não poderia ser mais carioca. Filha de pais brasileiros e residindo em uma comunidade de mesma nacionalidade, localizada nos arredores de Paris, Emíliah se emo-

cionou muito ao ver toda a sua comunidade vibrar com a vitória do Brasil na copa de 1994. Ao olhar para os seus pais e enxergar o orgulho que sentiam dos jogadores da seleção, ela tomou uma decisão que indiretamente selaria seu destino: ganhar uma copa do mundo.

“...O orgulho
espelhado no sorriso
de quem a
ouvia cantar...”

A taça do mundo

Por ser menina, o futebol não era a melhor escolha a ser feita na opinião de seus pais, por

isso, seu destino foi a patinação no gelo. As aulas eram ótimas, porém ao descobrir que a patinação não tinha uma Copa do Mundo, e que estava longe de ser o orgulho de sua nação de coração, a menina rapidamente se desestimulou e desistiu da dança erudita.

Seus pais eram sambistas natos; a mãe dançava e o pai tocava. Ambos se mudaram para a França, bem antes do nascimento de Emíliah, para trabalhar com o estilo musical, ensinando um pouco do que sabiam para os franceses. Seguindo a antiga premissa de que o fruto nunca cai muito afastado do pé, Emíliah conseguiu

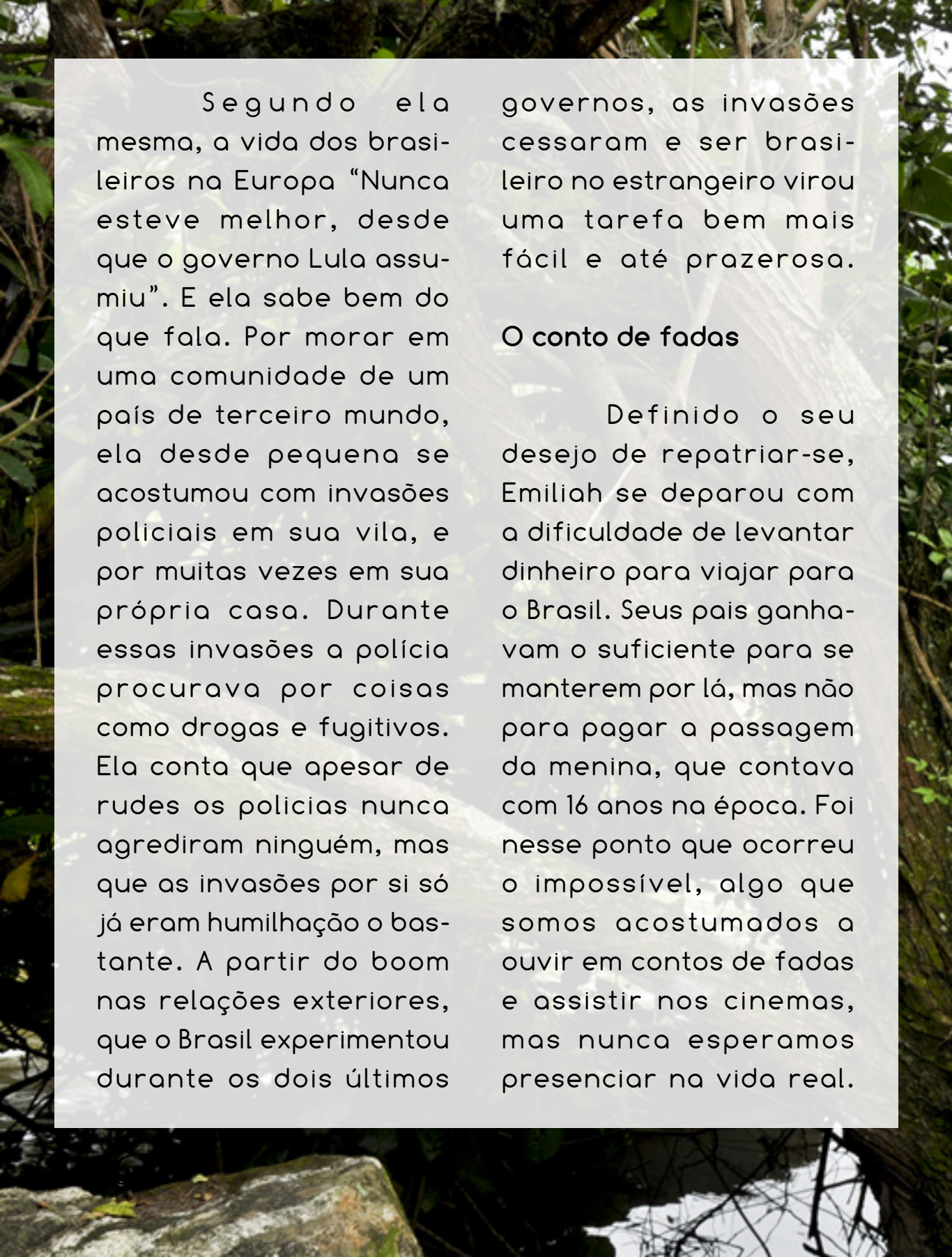
unir o útil e o agradável ao se decidir por aproveitar o dom da família para cantar o ritmo de seu país. Assim como no balé, também não existia uma copa do mundo do samba, mas o brilho nos olhos e o orgulho espelhado no sorriso de quem a ouvia cantar, era alegria suficiente para saciar o desejo que havia nascido naquela copa de 94.

O início da volta

O fascínio que a música exercia na menina com jeito tímido, que um dia sonhara ser jogadora de futebol, fez uma nova vontade aflorar: A de viver no Brasil, o lugar que mesmo de longe, sempre esteve presente em seus anseios. Não que a vida na França não estivesse boa, muito pelo contrário.



Sorriso de moleca
e talento de gente
grande

The background of the page is a lush, green forest scene. In the foreground, there are dark, mossy rocks and a small stream flowing through the woods. The trees are tall and dense, with sunlight filtering through the leaves, creating a dappled light effect. The overall atmosphere is serene and natural.

Segundo ela mesma, a vida dos brasileiros na Europa “Nunca esteve melhor, desde que o governo Lula assumiu”. E ela sabe bem do que fala. Por morar em uma comunidade de um país de terceiro mundo, ela desde pequena se acostumou com invasões policiais em sua vila, e por muitas vezes em sua própria casa. Durante essas invasões a polícia procurava por coisas como drogas e fugitivos. Ela conta que apesar de rudes os policiais nunca agrediram ninguém, mas que as invasões por si só já eram humilhação o bastante. A partir do boom nas relações exteriores, que o Brasil experimentou durante os dois últimos

governos, as invasões cessaram e ser brasileiro no estrangeiro virou uma tarefa bem mais fácil e até prazerosa.

O conto de fadas

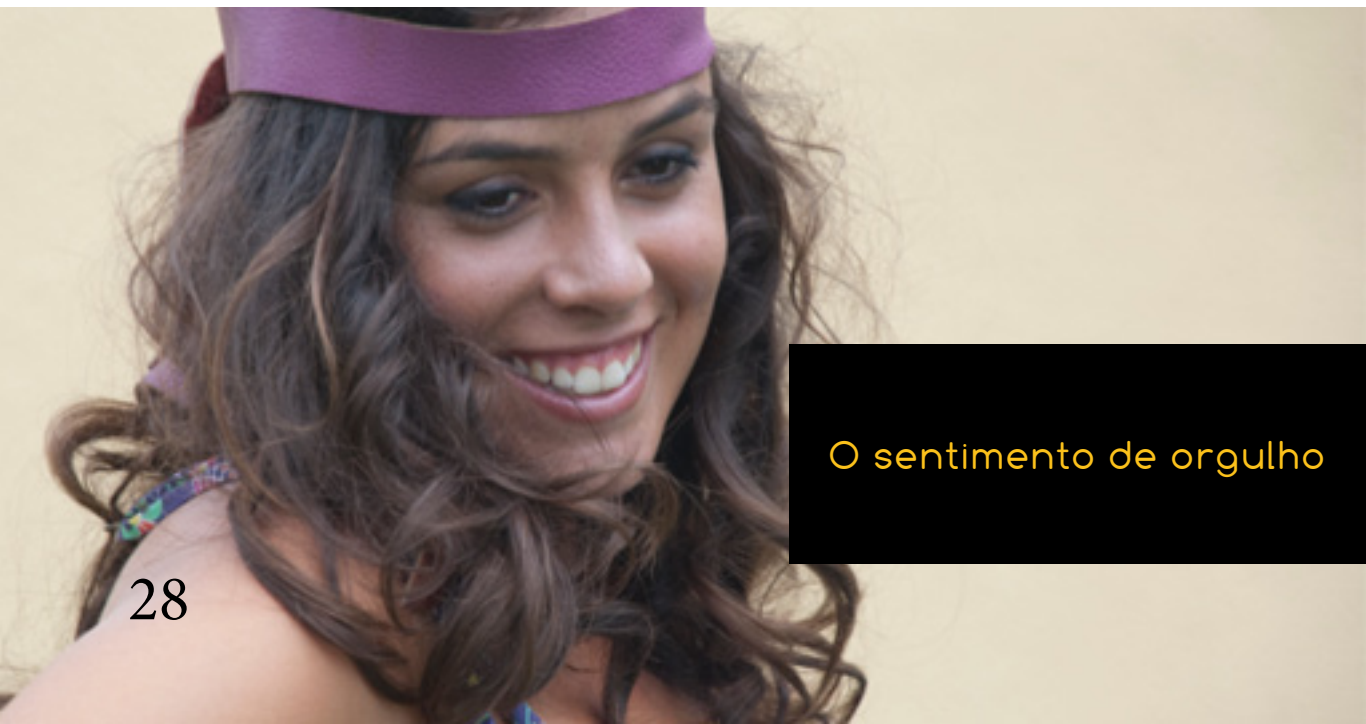
Definido o seu desejo de repatriar-se, Emíliah se deparou com a dificuldade de levantar dinheiro para viajar para o Brasil. Seus pais ganhavam o suficiente para se manterem por lá, mas não para pagar a passagem da menina, que contava com 16 anos na época. Foi nesse ponto que ocorreu o impossível, algo que somos acostumados a ouvir em contos de fadas e assistir nos cinemas, mas nunca esperamos presenciar na vida real.



Descalça, Emília está
em casa na tropicália
brasileira.

Como sempre faziam, ela e seu pai foram fazer compras em uma mercearia que ficava bem perto da vila, levando o cachorro de estimação da família – o Bemol. Andavam distraídos quando dois homens segurando sacos grandes nas costas passaram correndo pelos dois. Ao ver a cena o cachorro saiu em disparada atrás dos homens, que em nenhum momento olharam pra trás ou para-

ram de correr. Bemol continuou sua perseguição, para desespero de Emília e seu pai, que acabaram por seguir o cachorro também. Quando o canino já se encontrava bem próximo dos dois apressados, deu um grande pulo e abocanhou um dos sacos que estes carregavam. Para espanto geral, os homens continuaram correndo sem nem perceber que o conteúdo do saco rasgado voava por todo lado.



O sentimento de orgulho

A rua em que se encontravam era uma ladeira, e os misteriosos donos dos sacos se moviam em direção ao topo dela. Quando o Pai de Emília olhou para cima viu o fim do problema de sua filha. O céu estava tomado por cédu-las que saíam cada vez mais do saco preto conforme o homem fugia. Sem pensar duas vezes, pai e filha se puseram a catar tudo o que podiam carregar o mais rápido possível. O cachorro já havia parado de correr atrás dos homens, e nesse momento parecia apenas contemplar o resultado de um trabalho bem feito. Após pegar tudo o que puderam, desistiram de ir ao mercado e correram

para casa contar quanto havia sido arrecadado na inusitada empreitada.

“...Emília canta o samba de raiz com muita propriedade...”

A quantia era exatamente o que a nossa menina de ouro e seu pai precisavam para comprar as passagens para o Brasil. A felicidade foi tanta que só depois de um tempo é que pararam para pensar em como haviam conseguido o dinheiro. E se pertencesse a alguém que precisasse tanto quanto eles? Um pouco depois, vieram a descobrir que os dois homens que subiam a rua apres-

sados, eram dois ladrões que estavam fugindo após assaltar uma loja. Certos de que estavam fazendo aquilo que o destino – que poderia até ser o nome do cachorro - havia escrito para ela, compraram a passagem e embarcaram para o Brasil.

No Brasil

Ao chegar aqui as dificuldades não acabaram, mas enfrentá-las no lugar onde se ama é sempre mais fácil. Com pouco dinheiro e muita vontade, logo começou a cantar e mostrar o seu enorme talento em bares para poder sobreviver no Rio de Janeiro. Com os altos preços imobili-

ários, acabou se instalando no Morro do Vidigal, lugar de onde tem muito orgulho e não pretende se mudar tão cedo.

Emiliah canta o samba de raiz com muita propriedade e traz influências do jazz de Ella Fitzgerald e da bossa de Johnny Alf na bagagem. Quem conhece a menina tímida, de sorriso fácil e olhar meigo, se impressiona com a transformação que ocorre com ela ao subir no palco. Não há espaço para mais nada, só para a guerreira que passou pelo imaginável e o inimaginável para estar ali, dominar o espaço e se transformar numa verdadeira menina ouro.





Revista CRASE: O que te inspira a cantar e tocar?

Emiliah: Poxa, pode parecer louco, mas o que me inspira mais é o Brasil. Os sons tanto da cidade quanto da natureza, a maneira das pessoas andarem, os cheiros, as comidas... Amo muito o Brasil, acho que é minha maior paixão. Como a inspiração vem do coração... Então é isso aí.

RC: Como seus pais lidam e lidaram com a sua vinda

para o Brasil, sozinha, aos 16 anos?

E: Não gostaram muito não...aliás, ninguém entendeu. Meus pais ficaram sem falar comigo um tempo, mas no final das contas todos entenderam, concordaram e até me apoiaram.

RC: Como era a sua vida em Paris e, o que mudou, com a sua vinda para o Brasil?

E: (risos) A minha vida em Paris era bastante fria e rigorosa. Eu treinava patinação artística 5 horas por dia, almoçava na condução indo pra escola e depois fazia aula de piano. Nos finais de semana eu competia. Muita gente se impressiona e diz que eu não tive infância... Eu amei minha infância!Amava me ocupar, competir... Às vezes ganhava, às vezes perdia. Mas eu gostava (e ainda gosto) disso! A competição, os desafios. Vi muita gente sofrendo discriminação por serem filhos de imigrantes. Eu mesmo já sofri, meus pais... Enfim, esses problemas todos eram como um combustível para vencer, quebrar o preconceito, honrar meus pais e minha família e, principalmente o Brasil. Aqui no Brasil tenho uma vida que também não é fácil (risos), mas aqui me sinto bem, me sinto em casa - apesar de ser sempre chamada de “a Francesa”. Vejo que o povo

não se valoriza aqui. Quando digo que nasci em Paris as pessoas falam sempre “que chique” (risos). Que chique nada! Nascer no Brasil é que é chique. Olha só que beleza, olha o povo como é caloroso, festeiro e alegre(...). Chique é sair do trabalho e ir na praia ou curtir um pagode (risos).

RC: Quais são suas influências musicais, músicos os quais você mais gosta e etc?

E: Admiro muito a Ella Fitzgerald, Beyoncé (nada a ver né), amo de paixão a Ivete Sangalo, a Rosa Passos, Leny Andrade, Jorge Aragão, Zeca, Arlindo...

RC: Durante nosso encontro, percebemos que enquanto sua nacionalidade é francesa, seu corpo e alma exalam brasilidade. Você sofre algum tipo de preconceito por não ter nascido no reino tupiniquim?

E: “Sofrer” é uma palavra pesada. Eu não sofro muito com o que falam aqui, acho que sofri muito mais lá (risos). Hoje eu nem me incomodo tanto com as piadinhas (risos). Tenho orgulho de ter dupla nacionalidade. Tenho o que muitos gostariam de ter; tanto lá quanto aqui. Então não ligo. Realmente não sou 100% “nada”, nem francesa nem brasileira. Sou meio a meio.

RC: Assistimos aos seus shows e temos certeza do seu dom musical. Quais são suas metas profissionais?

E: Quero levar o samba para o mundo. Quero levar a cultura brasileira para o mundo. Um pouco como faz a Shakira com a origem espanhola e árabe dela... Claro que não vou cantar hip-hop, mas quem sabe? Quero que a musica brasileira seja popularizada no exterior. Quero quebrar barreiras.

RC: Hoje em dia é mais difícil ver pessoas vivendo de suas paixões. Explique para nossos leitores como é o que é viver daquilo que se ama.

E: É muito mais inteligente. Nós não levamos nada desse mundo, então melhor aproveitar bastante. Claro que com juízo para não se arrepender depois. Fazer as coisas com amor custa muito menos do que fazer com má vontade. Não sei, da muito prejuízo ficar chateado, resmungando e se lamentando... Depois temos que comprar antidepressivos (risos) e perder noites de sono...

“Ficou legal?”



Produção de Moda:

Clarissa Affonseca e Yves Araujo

Direção de arte e Styling:

Yves Araujo

Fotos:

Diego Vol





A banda carioca Tono, apesar de nova, já lança o seu segundo cd. “Tono”, de 2010, é bem mais maduro que o também excelente “Tono Auge”, de 2009. Com misturas que vão do Samba, Baião e Rock n’ Roll, a nova geração vem ditando o futuro da música brasileira.

Álbum destaque:

Tono
(Oi Música - 2010)



Céu

MPB, Jazz, Bossa

Álbum destaque:

Céu (2005)



Johnny Alf

Bossa

Álbum destaque:

Olhos Negros
(1990)





A photograph of Darren Aronofsky, a man with curly brown hair and a beard, wearing a dark blue shirt. He is shown in profile, looking to the left and gesturing with his right hand, pointing his index finger. In the background, another person with glasses is partially visible, looking towards the same direction. The background is dark and out of focus.

Darren Aronofsky

O mais novo mestre do cinema internacional.

por Tiago Garcia

Darren Aronofsky é um adorador de cinema e filmes clássicos confesso desde sua adolescência. Foi essa mesma paixão que o levou a se especializar na sétima arte na prestigiada Universidade de Harvard. Darren nasceu

no ano de 1969, em Nova Iorque e tornou-se tão famoso quanto seus conterrâneos Woody Allen e Spike Lee e, com certeza não menos talentoso. A personalidade intensa de Aronofsky pode ser observada através do fracionamento de iden-

tidades, tema constante em seus filmes.

Tudo começou em 1998, com o lançamento do seu primeiro longa no mercado: 'Pi'. Desenvolvido e produzido por Darren, recebeu três indicações e venceu na categoria melhor primeiro roteiro no Film Independent Spirit Awards, uma organização sem fins lucrativos que premia os melhores filmes independentes do mundo. E recebeu também duas indicações e venceu na categoria de melhor diretor de drama no Sundance Film Festival, o maior festival de filmes independentes dos EUA.

Após ganhar um pouco de visibilidade, fez

grande sucesso com o filme "Requiem Para Um Sonho" em 2000. O longa recebeu cinco indicações novamente no Film Independent Spirit Awards e consagrou-se vitorioso nas categorias de melhor fotografia e melhor atriz com Jennifer Connelly.

"...Principalmente pela união que existe em sua equipe..."

Seu terceiro filme foi produzido seis anos mais tarde. A Fonte da Vida é um daqueles filmes os quais o público ama ou odeia. O projeto levou cinco anos para sair do papel e teve problemas a partir da pré-produção.

Isso não impediu Darren de usar toda sua criatividade conseguindo realizar cenas estonteantes e um filme genial, como os efeitos especiais, que foram filmados em laboratório através de experiências químicas. Comercialmente o filme fracassou, gerando apenas \$16 milhões dos 35 investidos inicialmente. Foi o momento mais duro de sua carreira, o filme não foi bem recebido pelo público e por boa parte da crítica.

Em 2008 lançou “O Lutador” que foi o seu projeto mais visto e de maior sucesso comercial. Gerou mais de \$44 milhões diante dos apenas \$6 milhões de orçamento.



Mickey Rourke e
Darren Aronofsky

O filme foi interpretado impecavelmente por Mickey Rourke que merecidamente venceu o Globo de Ouro como melhor ator, além da excelente atuação de Marisa Tomei, que vive uma stripper e confidente de Randy.

Aronofsky, hoje com apenas 41 anos, tornou-se em pouco tempo de profissão um dos maiores cineastas de sua geração, influenciando centenas de outros diretores.

Sua consagração não se deve somente através de suas obras, mas principalmente pela união que existe em sua equipe - mais precisamente entre ele e o seu compositor de trilha sonora Clint Mansell e o diretor de fotografia Matthew Libatique. Desde o seu primeiro trabalho em "Pi" até os dias de hoje, Darren carrega seus amigos em suas produções. Esta união além de lhe render inúmeras premiações e indicações,

consagrou também seus aliados, como a trilha sonora de Clint Mansell em Requiem Para Um Sonho, que se tornou tão conhecida que mesmo após dez anos de seu lançamento ainda é utilizada em séries, novelas, comerciais e até mesmo em reality shows. Um dos maiores cineastas dos nossos tempos tem como segredo de seu sucesso seus amigos. E o sucesso de seus amigos? Darren Aronofsky.



Matthew Libatique (esquerda) e Clint Mansell (direita) com Darren.



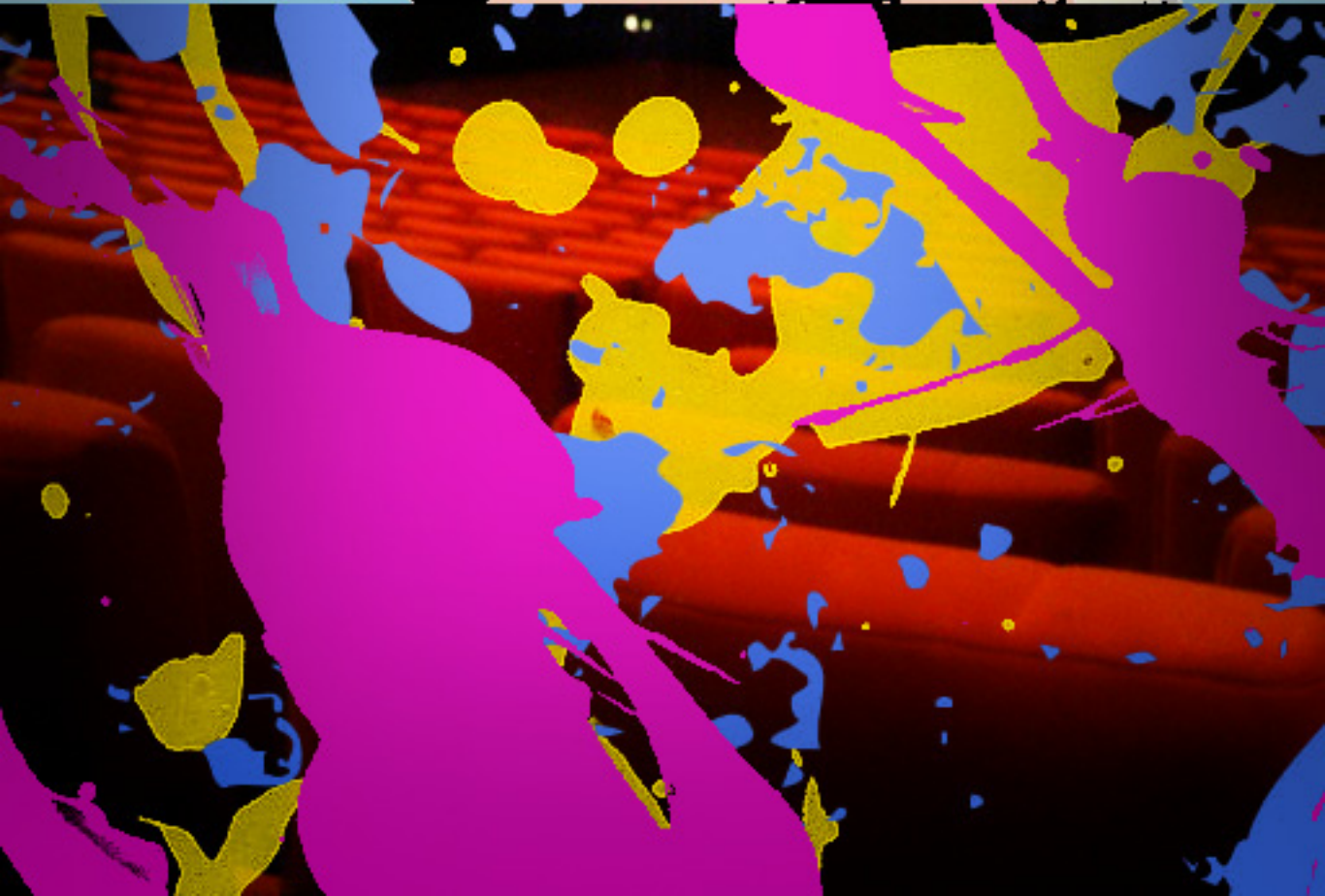
Cisne Negro (EUA, 2010)

Uma bailarina consegue o papel principal em “Lago dos Cisnes” e é perfeita para o papel do delicado Cisne Branco, mas lentamente perde a cabeça ficando cada vez mais parecida com a irmã gêmea má do Cisne Branco, o Cisne Negro. Natalie Portman foi indicada ao Oscar por esta interpretação.



O Lutador (EUA, 2008)

Um lutador profissional precisa se aposentar, mas descobre que a jornada para uma vida nova fora do ringue é uma briga desanimadora. Mickey Rourke ganhou melhor ator no Globo de Ouro e no Bafta.





Iconofilia e Iconoclastia

A construção e quebra de imagens.

por Rafael Farah

A palavra iconoclastia era originalmente usada para descrever doutrinas que se opunham à criação e adoração de ícones religiosos. No cristianismo, os iconoclastas são motivados por uma interpretação literal dos Dez Mandamentos, que proíbe a adoração de ídolos. Com

o tempo, como a maioria dos termos, a palavra passou a ser usada para tudo aquilo que vai contra crenças estabelecidas, instituições, contra tradições de uma forma geral. Antagonizando esse conceito temos os chamados iconófilos; aqueles que veneram ícones. Não é preciso mais do que

uma rápida observação do mundo para chegar à conclusão de que vivemos em uma sociedade iconófila – constantemente à procura do próximo ídolo.

Somos bombardeados a cada segundo pela mídia contemporânea com “ícones”. Campeões da moral e boa conduta – ou o inverso – são apresentados à sociedade como a nova mania do momento e são rapidamente postos em seus devidos pedestais. Neste caso, ícones não são necessariamente indivíduos, mas também conceitos e valores, os quais trocamos semanalmente por conveniência. O escritor francês Guy Debord, em seu livro “A Sociedade do Espetáculo”

(1967), chamou essa busca de “espetáculo”, apontando que a vida real é pobre e fraca, então os indivíduos se vêem obrigados a consumir – passiva e ativamente – figuras de tudo que lhes “falta” na vida. Temos Madonna, Michael Jackson, os britânicos Monty Python, o valentão James Dean, as loucuras de Jimi Hendrix, a espiritualidade do Dalai Lama e, muitos outros. No final das contas, todos preenchem algum tipo de vazio em nossas vidas.



A criação e veneração destes ícones só fica atrás da capacidade de transformação dos mesmos. A rapidez com que ídolos e conceitos são modificados é assustadora. Uma estrela do cinema, por exemplo,

“Pode-se dizer até que talvez este seja um mal necessário.”

pode mudar sua imagem de bad boy para pai de família em questão de dias. O inverso também acontece, um exemplo disso é a atriz e cantora Miley Cyrus; estrela infantil, a artista foi filmada

com drogas e – obviamente – o vídeo caiu na internet. Indignados, pais de crianças protestaram contra a má conduta da ex-Hannah Montana, acusando-a de mal-exemplo. O que esses pais e mães se esquecem é que não é trabalho da cantora servir como modelo para a juventude contemporânea. Ensinar os filhos a terem personalidade e não serem tão facilmente influenciados por criações da mídia é um exercício – mesmo que hercúleo – exclusivo dos pais.

F e l i z m e n t e , esta constante idolatria também tem seus pontos positivos. Quando teoricamente em uma sociedade, a criação de movimentos

se dá pelo encontro de grupos de pessoas com ideais similares e um objetivo em comum, atualmente é preciso apenas um indivíduo para dar o pontapé inicial. É necessário, por exemplo, que apenas um destes ícones acorde um dia sentindo-se como um filantropo, para uma legião de fãs seguir o exemplo.

Obviamente há opiniões divergentes em relação ao assunto, mas estão claros os dois

lados da moeda. Impossível fazer um julgamento de valor preciso quando ambos são convincentes. Pode-se dizer até que talvez este seja um “mal necessário”. Se por um lado a população mundial está constantemente à mercê de influências negativas, a crescente fome por comodidade do ser humano torna necessário eleger “líderes”, conceitos universais, os quais são usados como muletas para o alcance da satisfação pessoal.





Não devo desviar verba pública para amigos e empresários
Não devo desviar verba pública para amigos e empresários
Não devo desviar verba pública
Não devo desviar



Imagem: Latuff

A Renovação do Rio

Como o estado do Rio renasceu aos
olhos da população.

por Emílio Farah

Como tema recorrente para esta época do ano, “O Renascimento”, apesar de pouco criativo, atende todo o simbolismo do Natal, que ascende e transcende ao renascimento do homem como ser humano e centro

do processo de conhecimento. Sem críticas ou ofensas às outras religiões, apenas aponta-se para uma vivenciada cultura judaico-cristã. Continuando, também não tem nada a ver o fato de estarmos frente a frente

com um novo ano, que, com certeza, não traz qualquer concepção de reinício, recomeço ou renascimento. Obrigatoriamente recair-se-á em uma redação mais ou menos padronizada, além de recorrer-se à cola de edições anteriores. Primeiro porque no passado reviveram-se dois ícones do humanismo moderno,



Lançamento do
Projeto de Revita-
lização da Zona
Portuária do Rio

exemplos de que devaneios teóricos não substituem a ação prática. Dois paradigmas, que deram um basta aos eufemismos e classificações doutrinárias quanto à saúde e a fome. Renascem com cada criança sobrevivida e com cada boca alimentada pela interferência de indivíduos solidários. Já em um passado não tão distante, reviveu-se o cidadão, renovou-se a sociedade como criação e finalidade maior da razão humana, e esta sociedade, ao mesmo tempo em que vestiu sua carapuça de manipulação e exclusão de alguns de seus indivíduos, deu novo rosto a estes mesmos excluídos, um rosto igual ao seu, ao dele, aos dos nossos filhos.

OS CANALHAS

NOME:

CANALHA DA SILVA

NAC:

Nº DE MATRÍCULA:

171



Com estes velhos rostos novos - ou seriam novos rostos velhos - a sociedade desarmou-se, pelo menos no que tocam àqueles novos e incluídos cidadãos. O Estado desarmou-se, mostrando seu lado não marcial e repressivo. O asfalto desarmou-se, do seu medo e de seus preconceitos. A mídia desarmou-se dos estereótipos largamente

difundidos ao longo dos anos. Com isso, a sociedade renasceu para parcela da população antes excluída. O Estado renasceu como instituição complexa, cuja função vai muito além da repressão e violência policial. O asfalto renasceu sem seus medos implantados pela mídia tendenciosa e manipuladora. A própria mídia renasceu ao noti-

ciar alegria, esperança e os novos ares da cidade.

Enfim a Cidade do Rio de Janeiro renasceu para sua população. O que nos faz pensar que talvez, apenas talvez, nós estejamos diante de uma nova safra de políticos em sua mais estrita acep-

ção. Falo talvez pela notoriedade do Governador e do Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, mas como tudo na vida tem dois lados, estes podem ter sido julgados erroneamente. Resta-nos esperar que tenhamos antagonizado tais políticos precipitadamente.



O espanta-criminosos?





Bruna Fonte é escritora e fotógrafa. Autora do livro “O Barquinho Vai... Roberto Menescal e suas histórias”, já entrevistou e fotografou grandes nomes do cenário artístico brasileiro como Paulo Coelho, Zizi Possi e Oswaldo Montenegro e a banda Ultraje a Rigor. Além de trabalhadora, Bruna esbanja simpatia e carisma. Com ela, não tem “tempo ruim”.

Quem são os novos ídolos?

Há alguns anos atrás, a decisão sobre quem teria a chance de mostrar a sua arte (fosse gravando um disco, publicando um livro ou expondo um quadro, por exemplo) ficava a cargo quase que

exclusivamente de empresários ou da mídia. Eram eles quem faziam a “ponte” entre o artista e o seu público e avaliavam quais artistas teriam maiores chances de agradar ao público e, quem sabe, vir a ser ídolo de um determinado grupo, faixa etária ou, em raros casos, de toda uma geração.

Porém, muitos dos maiores ídolos demoraram a ser identificados por essas pessoas e quase não tiveram a oportunidade de se tornarem aquilo que viriam a ser tempos depois. Tendo vendido somente um quadro durante toda a sua vida, o pintor holandês Van Gogh só recebeu o tão merecido reconhecimento anos após a sua morte; após terem sido recusados por algumas das maiores gravadoras que havia na época (e pelas menores também) os Beatles se tornaram um dos maiores grupos da história de toda a música; a britânica J. K. Rowling demorou a conseguir uma editora para o primeiro livro da série Harry Potter, tendo os seus manuscritos recusados por uma série de editoras.

Quantos “possíveis ídolos” foram recusados e nem chegamos a conhecê-los? Quantos “grandes ícones” nem chegaram a ser apresentados para o público por não terem agradado a algumas pessoas que os avaliaram e, naquele momento, detinham o poder de escolha sobre o seu futuro? Quantos escri-

tores, bandas, compositores foram lançados muito a contragosto de empresários ou da mídia, e se tornaram um sucesso de público? Fica claro que nem sempre os olhares de críticos ou empresários estão em sincronia com os do público.

Estamos entrando na segunda década do segundo milênio e o que mudou? Com a popularização da internet ganhamos uma poderosa ferramenta de divulgação que fez com que aumentasse muito a oferta de produção cultural. Falando mais especificamente sobre literatura, para fazer com que um texto seu chegue ao público leitor já não é mais necessário passar meses (ou até anos) enviando manuscritos para editoras e aguardando até que o seu livro chegue às prateleiras das livrarias. Um aspirante a escritor hoje pode, em questão de minutos, criar uma página própria para aqueles textos que talvez jamais fossem sair da gaveta. Há alguns anos a hoje consagrada autora americana Julie Powell trabalhava em uma empresa, mas almejava ser escritora. Sem grandes pretensões, criou um blog que logo se tornou um dos blogs mais lidos dos EUA e deu origem aos seus livros.

É claro que são poucos os blogs que irão se tornar Best Sellers, mas essa história só mostra que a

internet hoje nos ajuda a chegar diretamente ao nosso público, sem que tenhamos que passar pelo crivo daquelas pessoas que antes eram o único caminho para quem queria mostrar o seu trabalho. Consequentemente, o público acaba tendo uma participação muito maior e mais direta na escolha dos seus ídolos.

Apesar de todos os prós, existem alguns contras que trouxeram grandes mudanças à vida do artista. Entre eles, o retorno financeiro proveniente desses trabalhos, que é quase sempre nulo. Além disso, a ideia representada pela palavra “ídolo” nunca foi tão efêmera como é atualmente, pois com tanta arte de qualidade surgindo o tempo todo, novos artistas hoje considerados “grandes ídolos” acabam por ser esquecidos em pouquíssimo tempo.

Esses artistas são realmente ídolos ou ídolos foram aqueles que surgiram décadas atrás e transcendiram o tempo, permanecendo como ícones das novas gerações? Essa é uma discussão que daria a mim e a você, leitor, horas de conversas e especulações. Mas, é uma pergunta que só o tempo poderá responder.

Bruna Fonte

Projetos só são
projetos quando
seguidos de uma
ação.

Do contrário são
apenas idéias.

MAKERZ

www.makerz.com.br

AGENDA CULTURAL

Eventos

Fashion Business

Consolidada como a principal e mais influente bolsa de negócios da moda das Américas, está associada à moda, cultura e beleza.

Marina da Glória

10 de janeiro às 7h

14 de janeiro às 8h

Av. Infante D.

Henrique, s/nº

Glória - RJ

Ensaio das Escolas de Samba

As exhibições serão sempre aos sábados e domingos e a entrada será franca. Cada agremiação da elite ensaiará duas vezes, enquanto as demais, apenas uma.

Sambódromo

22 de janeiro a 27

de fevereiro

todo sábado e

domingo

Centro - RJ

Exposição

RICHARD WRIGHT: Este Outro Mundo

A Caixa Cultural RJ apresenta a exposição de artes visuais "Richard Wright: Este Outro Mundo", evento que comemora o 50º aniversário da morte do escritor afro-americano Richard Wright (Natchez, 1908 – Paris, 1960).

CAIXA Cultural RJ

Até 30 de janeiro

Entrada franca

Todos os dias

Centro - RJ

Show

All That Jazz Band

A banda formada por experientes instrumentistas garante aos espectadores repertório com composições como Bourbon Street Parade e As I Walk Through the Street of the City.

Santo Scenarium

Até 29 de janeiro
Rua do Lavradio,
36 - Centro - RJ

Teatro

Comédia em Pé

O Comédia em Pé reúne um bando de sujeitos engraçados, e com cara-de-pau suficiente para se apresentar sem o apoio de maquiagem, figurino, luz ou atores coadjuvantes.

Teatro das Artes

8 de janeiro a 26
de março
sextas e sábados
às 23h
Shopping da
Gávea - RJ

Pequenos Burgueses

Conflitos de uma família russa do início do século 20 são apresentados pelo grupo Nós do Morro, e é dirigida por Fátima Domingues. Adaptado por Luís Paulo Correa e Castro.

Teatro das Artes

Até 1º de fevereiro
segundas e terças
às 21h
Shopping da
Gávea - RJ

CRASE